

UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO

ROBERTO THOMAZ DE AQUINO JUNIOR

**“ANIMALS”: UMA LEITURA DO NEOLIBERALISMO
BRITÂNICO PELO PINK FLOYD**

BAURU
2017

ROBERTO THOMAZ DE AQUINO JUNIOR

**“ANIMALS”: UMA LEITURA DO NEOLIBERALISMO
BRITÂNICO PELO PINK FLOYD**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação da Profa. Ma. Roberta Cava.

BAURU
2017

A657a

Aquino Junior, Roberto Thomaz de

"Animals": Uma leitura do neoliberalismo pelo Pink Floyd / Roberto Thomaz de Aquino Junior. -- 2017.
53f.

Orientadora: Prof.^a M.^a Roberta Cava.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru – SP.

1. Inglaterra. 2. Pink Floyd. 3. Neoliberalismo. I. Cava, Roberta.
II. Título.

ROBERTO THOMAZ DE AQUINO JUNIOR

**“ANIMALS”: UMA LEITURA DO NEOLIBERALISMO BRITÂNICO
PELO PINK FLOYD**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação da Profa. Ma. Roberta Cava.

Bauru,

Banca Examinadora:

Profa. Ma. Roberta Cava
Universidade Sagrado Coração

Prof. Ma. Beatriz Sabia Ferreira Alves
Universidade Sagrado Coração

Prof. Dr. Bruno Vicente Lippe Pasquarelli
Universidade Sagrado Coração

Dedico este trabalho aos meus pais,
Roberto e Silvia

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Profa. Ma. Roberta Cava, pela sua ajuda e orientação, que foram fundamentais para que esse trabalho fosse realizado; à todos os professores, colegas de turma e demais colegas pela ajuda e incentivo; aos meus pais, pelo apoio e compreensão.

RESUMO

A ascensão neoliberal pode ser considerada de extrema importância nas décadas de 1970 e 1980, com figuras como Ronald Reagan e Margareth Thatcher, que durante seus governos implementaram políticas neoliberais nos Estados Unidos e Inglaterra, respectivamente. Como toda corrente ideológica, temos críticos e simpatizantes. O presente trabalho tem como objetivo analisar a crítica sobre o neoliberalismo inglês presente no álbum “Animals”, da banda inglesa Pink Floyd, lançado em 1976. Para isso será necessária uma rápida análise do pensamento liberalista, partindo do pensamento apresentado por filósofos como John Locke, Jean-Jacques Rousseau e Immanuel Kant, até a sua reestruturação ideológica, onde se tornou o neoliberalismo, e como tal pensamento influenciou o mundo nas décadas de 1970 e 1980, dando ênfase para sua ascensão na Inglaterra durante os três mandatos de Margareth Thatcher.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Inglaterra. Governo Margareth Thatcher. Pink Floyd. “Animals”.

ABSTRACT

The neoliberal rise can be considered of extreme importance in the 1970s and 1980s, with figures such as Ronald Reagan and Margaret Thatcher, who during their rule implemented neoliberal policies in the United States and England respectively. Like all ideological currents, we have critics and sympathizers. The present work aims to analyze the criticism of English neoliberalism present in the album "Animals", by the British band Pink Floyd, released in 1976. This will require a quick analysis of liberal thinking, based on the thinking presented by philosophers such as John Locke , Jean-Jacques Rousseau and Immanuel Kant to their ideological restructuring, where neoliberalism became, and how such thinking influenced the world in the 1970s and 1980s, emphasizing its rise in England during the three mandates of Margaret Thatcher.

Keywords: Neoliberalism. England. Government of Margareth Thatcher. Pink Floyd. "Animals".

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 | O LIBERALISMO E NEOLIBERALISMO | 12 |
| 2.1 | A FORMAÇÃO DO LIBERALISMO | 12 |
| 2.2 | O LIBERALISMO POLÍTICO DE JOHN LOCKE | 14 |
| 2.3 | O LIBERALISMO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU | 16 |
| 2.4 | KANT E O LIBERALISMO PACIFISTA | 19 |
| 2.5 | A REDEFINIÇÃO DO LIBERALISMO CLÁSSICO: O NEOLIBERALISMO | 20 |
| 3 | O CENÁRIO DAS DÉCADAS DE 1970 E 1980 | 23 |
| 3.1 | O CENÁRIO INTERNACIONAL DA DÉCADA DE 1970 | 23 |
| 3.2 | O CENÁRIO INTERNACIONAL DA DÉCADA DE 1980 | 28 |
| 3.3 | A ASCENSÃO NEOLIBERAL NA INGLATERRA E O GOVERNO DE MARGARETH THATCHER | 32 |
| 3.3.1 | 1975-1983: PRIMEIRO MANDATO | 33 |
| 3.3.2 | 1983-1987: SEGUNDO MANDATO | 35 |
| 3.3.3 | 1987-1990: TERCEIRO MANDATO E RENUNCIA | 36 |
| 4 | “ANIMALS”: CANTANDO A INGLATERRA NEOLIBERAL SEGUNDO PINK FLOYD | 38 |
| 4.1 | A BANDA INGLESA PINK FLOYD E SUA HISTÓRIA | 38 |
| 4.2 | “ANIMALS” E A INFLUÊNCIA DE “ A REVOLUÇÃO DOS BICHOS” PARA A FORMAÇÃO DE UMA CRITICA NEOLIBERAL | 40 |
| 4.3 | “PIGS ON THE WING (PART ONE)”: O INDIVIDUALISMO CAPITALISTA | 41 |
| 4.4 | ”DOGS”: O CAPITALISMO PREDATÓRIO | 42 |
| 4.5 | ”PIGS (THREE DIFFERENT ONES)”: A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA | 44 |
| 4.6 | “SHEEPS”: A ALIENAÇÃO CAPITALISTA E IDEOLÓGICA | 45 |
| 4.7 | “PIGS ON THE WINGS (PART TWO)”: A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA | 47 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 49 |
| | REFERÊNCIAS | 51 |

1 INTRODUÇÃO

Durante as décadas de 1970 e 1980 as correntes liberalistas e neoliberalistas ganharam força com a ascensão de Ronald Reagan nos Estados Unidos e Margaret Thatcher na Inglaterra. As políticas neoliberais inglesas a partir da década de 1970 sofreram diversas críticas e no presente artigo será apresentada a crítica feita pela banda inglês Pink Floyd, através do álbum “Animals” de 1976.

Roger Waters sempre possuiu um viés comunista em seu pensamento e através de suas composições em “Animals” ele procura criticar o capitalismo inglês baseando-se na obra de George Orwell “A Revolução dos Bichos”, fazendo assim uma adaptação do livro, que originalmente foi escrito para retratar a Revolução Russa e o regime de Stalin, para o cenário inglês, utilizando a figura de animais para analisar o comportamento da sociedade capitalista, passando pelo Estado, ou o grande porco capitalista, a burguesia, ou os cachorros e a grande parte da população, a massa, considerada por Waters como as ovelhas.

Para chegarmos até a crítica construída por Waters, serão percorridos dois capítulos onde, no primeiro iremos rever a ideologia do Liberalismo segundo John Locke e Jean-Jacques Rousseau, que defendem a abdicação do homem do estado de natureza por meio do pacto social para Locke, e do contrato social para Rousseau, após isso será entendido o liberalismo pacifista de Immanuel Kant, até a sua transformação para o Neoliberalismo, que se deu através da globalização e a aparição de atores internacionais. Durante o segundo capítulo será apresentado alguns pontos importantes das décadas de 1970 e 1980, como as duas crises do petróleo, que abalaram a economia mundial, principalmente a economia inglesa; o fim da Guerra do Vietnã, que é considerado o conflito armado mais violento que ocorreu na segunda metade do século XX, que durou de 1959 a 1975; veremos a ascensão da economia chinesa, iniciada por Deng Xiao Ping, após a morte de Mao Tse Tung, que fez com que a China recuperasse os anos de atraso perante o mundo globalizado e trilhando o caminho que a transformou na segunda maior potência mundial; o fim de regimes ditatoriais, como o Salazarismo em Portugal e o Franquismo na Espanha, também serão apresentados durante a pesquisa.

Passando para a década de 1980, abordaremos os grandes conflitos do período, como a Guerra das Malvinas, que foi de extrema importância para que Thatcher ganhasse popularidade na Inglaterra e fosse reeleita para um segundo mandato em 1983, a Guerra Irã-Iraque também será um ponto a ser visto durante a pesquisa, também veremos a ascensão neoliberal nos Estados Unidos durante o mandato de Ronald Reagan e passando pela Black Monday, que pode ser considerada como a maior crise das bolsas desde a crise de 1929 e finalizaremos o período com a queda do Muro de Berlim, que se tornou um marco do colapso da URSS e reuniu a Alemanha, enterrando, simbolicamente, a Guerra Fria. Ainda no mesmo capítulo iremos ver quem foi Margaret Thatcher e sua contribuição política para a economia da Inglaterra, passando por seus três mandatos e vendo quais foram as principais políticas adotadas em cada um e como a sociedade inglesa reagiu ao neoliberalismo da Dama de Ferro e qual foi o legado deixado pela mesma após sua morte. E por fim, no terceiro capítulo da pesquisa, será feita uma análise das letras do álbum “Animals”, em vista de examinar a crítica feita por Waters a cada um dos grupos sociais que estavam inseridos na sociedade inglesa, com o objetivo de vermos como a música apresenta críticas à sociedade que o indivíduo teve sua formação e esta inserido.

Para esse trabalho foi utilizada uma pesquisa bibliográfica, trazendo uma fundamentação teórica, quanto às teorias liberais e neoliberais, e histórica, na questão do levantamento dos acontecimentos das décadas de 1970 e 1980, assim como a biografia de Thatcher. O estudo e análise das letras presentes em “Animals” permitiu com que o objetivo desse trabalho fosse alcançado, percebendo-se assim, a crítica feita ao capitalismo por meio de um veículo midiático que se trata de uma releitura da obra de Orwell, sendo esta, adaptada para o cenário inglês.

2 LIBERALISMO E NEOLIBERALISMO

O presente capítulo desta pesquisa tem por objetivo apresentar a corrente teórica do Liberalismo, e seu posterior desdobramento para o Neoliberalismo, enquanto perspectiva base para a condução da articulação a ser realizada, adiante, com o cenário europeu das décadas de 1970 e 1980, tratado pela banda Pink Floyd no disco *Animals*.

2.1 A FORMAÇÃO DO LIBERALISMO

A concepção da formação do liberalismo dentro do processo da modernidade pela óptica de pensadores como Kant, Rousseau, Hume, Hobbes e Locke, que atribuem ao diálogo filosófico influências das diversas esferas de existência sociais tais como a política, econômica, cultural e antropológica, é relevante para compreender não apenas as transformações ocorridas pela centralização temática da crítica racional moderna, mas também analisar a mudança do pensamento ao longo da história. Tal mudança resulta, entre outras linhas ideológicas, na formação do neoliberalismo na segunda metade do século XX, no período pós-guerra, no qual é possível observar as metamorfoses ideológicas e sociais decorrentes do conflito físico em busca da hegemonia do pensamento orientador da ação social.

A inserção do pensamento liberal enraizado à sociedade só foi possível pela reflexão filosófica incentivada pelas ações burguesas que abriram espaço para o questionamento dos postulados religiosos, conservadores e inflexíveis que orientavam as instituições feudais e impedia o progresso em diferentes áreas da sociedade como a política, a economia e a cultura (HOBSBAWM, 1995). Com isso, o liberalismo pode ser considerado o resultado da reflexão filosófica da época em relação à natureza do homem e seu comportamento.

A introdução do Liberalismo está relacionada a um período de profundas mudanças no cenário Europeu que se inicia no final do século XIV e atinge seu auge durante o século XVIII, com o Iluminismo que organiza as posições racionais e sustenta as bases intelectuais para promover rupturas dentro da sociedade e consolidar o surgimento da sociedade liberal moderna (HOBSBAWM, 1995).

O liberalismo se apresenta como uma ideologia abrangente dentro da sociedade moderna, sendo adotada em grande parte das instituições políticas, econômicas e culturais. Tal fato se deve à edificação das instituições ao longo do processo histórico pelo viés das revoluções que tinham seu corpo teórico-filosófico composto pela ideia da liberdade individual do homem. Em particular, a ideia de liberdade flutua entre os diversos espaços da existência social, entretanto, dentro da economia e da política estão seus preceitos mais marcantes e consolidados (HOBSBAWM, 1995).

O Liberalismo econômico caminha ao lado da própria teoria econômica, no sentido em que o liberalismo, em conjunto com analogias epistemológicas das ciências da natureza, possui incidência sobre a teoria econômica formulada pelos fisiocratas franceses. Nesse sentido, teóricos como Adam Smith e David Ricardo apresentam perspectivas em clara contraposição aos postulados mercantilistas.

Com efeito, Smith é o expoente do liberalismo econômico por organizar e sistematizar as leis econômicas de caráter natural, ou seja, leis que garantissem a liberdade dentro da economia, contrariando a posição intervencionista estatal e exaltando uma espécie de “mão natural” que garantiria a livre concorrência entre os mercados e o livre interesse dos agentes econômicos. (HOBSBAWM, 1995). O teórico britânico também estabelece em seu pensamento a importância da lei da oferta e da demanda como garantia da estabilização dos meios de produção, dessa forma os rendimentos de toda produção poderiam ser investido em setores distintos da produção, são eles: a agricultura, as manufaturas e o comércio exterior, respectivamente.

Assim, ao se analisar o pensamento de Smith, percebe-se primordialmente a essência das políticas econômicas liberais que dominam a esfera econômica e como suas ideias formam uma base, até os dias atuais, para a reorganização ideológica que o liberalismo sofre após seu enfraquecimento durante o século XX, resultando no neoliberalismo.

A reflexão econômica de Smith demonstra uma característica importante do liberalismo e uma das posições retóricas que lhe garante maior consistência teórica, que diz respeito à essência do homem (questão debatida na época por filósofos como Hobbes, Stuart Mill, Rousseau e o próprio Smith), a concepção liberal e utilitarista da essência do homem diz respeito ao seu Estado Natural, no qual o

homem busca seu próprio interesse, dentro do campo econômico Smith explora tal percepção dizendo que a procura pelo bem pessoal poderia garantir o bem comum a partir de suas análises em relação à interação dos agentes econômicos dentro dos mercados (HOBSEAWM, 1995).

O liberalismo político, por sua vez, assim como o liberalismo econômico, busca na essência do homem, em seu estado natural, preceitos para sistematizar o pensamento político a partir do comportamento do homem e para garantir sua liberdade individual ao mesmo tempo em que exista uma coesão social. Contudo é preciso ressaltar que o comportamento humano dentro da esfera política difere do *homo economicus* ligado a produção de riquezas, o homem tem como fim dentro da política, tomando Hobbes como referência, a busca da honra (HOBSEAWM, 1995).

Neste momento é relevante mostrar o caráter jurídico dentro do liberalismo político, que permite elaborar premissas constitucionais que garantam a liberdade individual sem desencadear o caos social. Perante esse desafio, Thomas Hobbes e Jean-Jacques Rousseau propõem uma solução via contrato social, sendo que cada um deles, evidentemente, trouxe a sua própria leitura dessa proposta.

A seguir, serão apresentadas brevemente as principais premissas de alguns teóricos liberais.

2.2 O LIBERALISMO POLÍTICO DE JOHN LOCKE

John Locke foi um filósofo inglês nascido no século XVII, e trouxe grandes contribuições para o pensamento da época. Ficou conhecido como o “pai do liberalismo”, exercendo grande influência sobre esse pensamento. Após a revolução Gloriosa, publicou *Dois tratados sobre o governo civil*, obra na qual fundamenta e justifica o liberalismo. Teve grande influencia no Iluminismo e na revolução Francesa.

A teoria política de John Locke pode ser considerada com um reflexo das mudanças sociais e políticas que a Inglaterra passava no século XVII, quando surge burguesia e o capitalismo se consolida. Sendo a Inglaterra o país mais desenvolvido em relação ao resto da Europa, foi o palco das principais revoluções que consolidaram o capitalismo: a Primeira Revolução Industrial e a Revolução Gloriosa, sendo assim o cenário vivido por Locke na época causou grande influencia nos

pensamentos defendidos por ele. Assim Locke passa a ser o primeiro intelectual a teorizar o liberalismo (VILELA, 2014).

Para Locke, assim como para Hobbes e Rousseau, o homem nasce possuindo direitos naturais; a sociedade civil e o Estado surgem do contrato social e anteriormente a isso o homem vive em estado de natureza, que Locke define como:

[...] perfeita liberdade para regular suas ações e dispor de suas posses e pessoas do modo como julgarem acertado dentro dos limites da lei da natureza, sem pedir licença ou depender da vontade de qualquer outro homem. E também um estado de igualdade, em que é recíproco todo o poder e jurisdição, não tendo ninguém mais que outro qualquer” (LOCKE, John 1998, p. 382).

Assim, os indivíduos em estado natural, para Locke, são totalmente livres e independentes, não tendo nenhuma autoridade natural superior ao homem em sua condição natural, somente Deus e a lei da natureza. A esse respeito,

O estado de natureza tem uma lei de natureza a governá-lo, que a todos obriga; e a razão, que é essa lei, ensina a todos os homens que apenas a consultam que, sendo todos iguais e independentes, nenhum deve prejudicar a outrem na vida, na saúde, na liberdade ou nas posses (LOCKE, 1973, p. 42).

O estado de natureza se torna assim uma situação de convivência pacífica entre os homens. Nesse estado também os homens possuem direitos naturais, direitos estes que são essenciais a eles, como o direito à vida, à liberdade e aos bens.

O direito à propriedade e aos bens aparece com grande importância no pensamento lockeano, pois defende os interesses da burguesia, classe que por meio das revoluções liberais na Inglaterra dá origem ao capitalismo. O argumento dado por Locke é de que se todo homem é livre e proprietário de si próprio e de seu trabalho, assim todo o investimento feito para transformar a matéria prima natural em bens, no caso a natureza, que é um presente de Deus para os homens, torna-se uma propriedade privada do homem individual (VILELA, 2014).

Além das propriedades naturais do homem, o trabalho cria a propriedade privada, assim sendo, a propriedade privada ou individual é proporcional à capacidade de trabalho do homem, o que a torna limitada e somente com o dinheiro o homem poderá criar uma forma de adquirir outra propriedade além do trabalho

individual, originando assim a desigualdade social e tornando a propriedade ilimitada. A falta de autoridade no estado natural faz com que cada um dos indivíduos seja responsável pela execução da lei da natureza.

Outro fator a ser considerado na teoria de Locke é se o homem conseguirá ser imparcial, objetivo e neutro na hora de julgar e estabelecer uma punição para o descumprimento da lei natural, ou se o homem pode ser o juiz de sua própria causa. Assim se vê necessário um juiz que seja imparcial e justo, comum a todos e que faça cumprir a lei, tornando-a conhecida e firmada; também é necessário um poder que apoie, execute e sustente as sentenças deferidas. Para Locke essas são as razões que levam o homem a criar a sociedade civil, saindo do seu estado de natureza e criando o Estado através de consentimento coletivo (VILELA, 2014).

Essa sociedade política tem a função de proteger os direitos naturais dos homens, bom como a sociedade civil de ameaças internas e externas. Porém, essa sociedade só acontece quando os homens, por livre e espontânea vontade, renunciam ao seu direito natural de ser juiz de sua própria causa, transferindo-o à comunidade, surgindo assim o contrato social. Assim, é por meio do contrato social o estado de natureza é superado pelo estado civil, que foi fundado no consentimento de seus participantes, objetivando superar os inconvenientes de seu estado originário e consolidar seus direitos.

Uma vez no estado civil é preciso instituir uma forma de governo, que para Locke poderia ser qualquer um, exceto o absolutismo, já que para ele a monarquia absoluta era incompatível com a sociedade civil e os monarcas se encontravam em estado de natureza. A escolha democrática teria que ser instituída de forma que fosse escolha da maioria, e, por esse motivo, o teórico enfatiza a importância do poder legislativo (ou poder supremo, que estaria acima de todos os outros), que agruparia os representantes escolhidos pelo povo, o poder executivo e o poder federativo, surgindo assim as distinções dos poderes (ALVERGA, 2011).

2.3 O LIBERALISMO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Outro filósofo de suma importância para o liberalismo é Jean-Jacques Rousseau. Assim como Locke, Rousseau também cita o estado de natureza e o pacto social, porém adotando o nome de “contrato social”. Para ele os homens

também surgiram sob um estado de natureza e somente o deixam quando atingem um ponto em que obstáculos que prejudicam a conservação do homem no estado de natureza são maiores do que a força de cada indivíduo em se manter nesse estado, assim são obrigados a deixá-lo. O grande problema proposto por Rousseau é:

Encontrar uma forma de associação que defenda e proteja as pessoas e os bens de cada associado com toda a força comum, e pela qual cada um, unindo-se a todo, só obedece contudo a si mesmo, permanecendo assim tão livre quanto antes. (ROUSSEAU, J.J. *Do Contrato Social*. São Paulo: Nova Cultura, 1999, p. 70)

Do trecho acima, observa-se que Rousseau se preocupa em como manter a liberdade do indivíduo sob o estado de sociedade, visto que a liberdade é um valor de extrema importância para Rousseau, o mesmo, diz que renunciar a liberdade é também jogar fora a moralidade. Assim a resposta para a questão proposta pelo autor seria o contrato social, onde os indivíduos se tornam alienados, abdicando de seus direitos e criando uma condição igual para todo, sem que ninguém fosse prejudicado. Se cada indivíduo se posicionar totalmente em favor da vontade geral, essa, que será a dirigente da comunidade (NETO, s/d).

O filósofo em questão usa a palavra “contrato”, diferentemente de “pacto”, empregada por Locke, por o “contrato” se diferir do “pacto” por ser “um tratado de duas ou mais pessoas, empresas, etc., que entre si transferem direito ou se sujeitam a uma obrigação” enquanto “pacto” pode ser entendido como “ajuste, acordo entre Estados ou particulares”. Assim, o termo remete, assim como a proposta apresentada, a um envolvimento muito maior por parte dos contratantes.

Aqui, vale apontar que o “contrato” faz com que nasça um “corpo moral e coletivo”, que é constituído por todos os membros da sociedade. Esse corpo é chamado por Rousseau de “corpo político”, sendo estabelecidos conceitos importantes para o mesmo: o corpo político, quando ativo, recebe o nome de soberano; quando passivo, é nomeado de Estado; e chamado de potência quando comparado a outros. Sendo assim, a soberania é exercida pelo corpo político, sendo assim o povo é o soberano, e foi através do contrato social que os mesmos se

criaram como povo, transferindo, assim, os direitos naturais a este para que sejam transformados em direitos civis (NETO, s/d).

Dessa forma, o governante não é soberano, mas sim o representante da soberania popular: os indivíduos ganham sua individualidade civil a partir do momento em que aceitam perder a posse natural, ou seja, passam a ser cidadãos, criando a soberania e nela se representando.

Em particular, Rousseau defende que o poder legislativo deve ser exercido pelo soberano, pois é ele quem sanciona as leis, essas que devem consistir na vontade geral, garantindo assim liberdade e a propriedade. Com a garantia da liberdade dentro da sociedade, as desigualdades devem ser supridas ou diminuídas, pois:

O estado social só é vantajoso aos homens quando todos eles têm alguma coisa, e nenhum de demais” (ROUSSEAU, 1999, p. 81.)

Enquanto o poder legislativo é exercido pelo soberano, o executivo deve ser exercido pelo Governo, que é um corpo encarregado de executar as leis e manter a liberdade. O poder executivo deve ser monárquico, aristocrático ou democrático, todas essas alternativas dependem de muitas variáveis, como o clima, condições geográficas, tamanho do território e número de habitantes. (NETO, s/d).

Para Rousseau, o soberano é indivisível, sendo assim, ou representa a vontade geral ou não. Em complemento, o soberano só pode ser representado por si mesmo, de modo a garantir que a soberania não seja delegável. O teórico francês ainda trata da questão do tamanho do território a ser governado, pois, para que o soberano possa legislar ele precisa se reunir, e assim surge um problema: seria possível, em uma comunidade muito grande, com vasto território e número de pessoas, a reunião de todos os homens? O próprio autor responde que somente em comunidades pequenas sua proposta teria viabilidade. (NETO, s/d).

Rousseau, em sua teoria, sistematizou que o poder vem do povo, diferente de Locke, o povo de Rousseau tem o poder em suas mãos para fazer e aprovar leis, a soberania é exercida pelo povo, diretamente. A democracia, para o autor, deveria acontecer assim como na Grécia, de maneira direta. É sua defesa da liberdade e igualdade que o torna um representante da teoria liberal.

2.4 KANT E O LIBERALISMO PACIFISTA

Mesmo com o estabelecimento de uma democracia, como estabelecido por Locke, ela não é suficiente para que exista uma condição de paz, sendo preciso que os Estados se respeitem por meio de um federalismo refletido em uma liga da paz, tornando-se, assim, essencial a criação de regras comuns de relacionamento, essas que tem como medida impedir que o Estado interfira em assuntos internos dos outros (SARFATI, 2005).

As ideias do liberalismo internacionalista pacifista estão contidas na obra de Kant intitulado Paz Perpétua (1795), em que os Estados deveriam ser repúblicas nas quais os cidadãos definem suas vontades, o que reduz a participação do Estado em guerras. Em caso de conflito, em particular, o governante deve sempre pesar a vontade pública em sua decisão, ao contrário de governos absolutistas ou ditatoriais, onde os interesses dos líderes prevalece perante os interesses dos cidadãos.

De fato, a ideia de Kant dentro do liberalismo é voltada para dois pilares: o republicanismo democrático e a união dos Estados por meio de uma federação, para que, assim, ocorra a promoção da paz. Esta é a principal e mais poderosa do liberalismo pacifista, uma vez que os Estados liberais democráticos não fazem guerra entre si (SARFATI, 2005).

O liberalismo só é pacifista em relação a outro regime liberal, sendo assim, é possível notar que muitos Estados liberais já se engajaram em guerras contra regimes não-liberais no decorrer da história, mesmo que a causa tenha sido a resposta aos ataques de países com características autoritárias. Com vistas a um caminho para a paz, propõe a observação de três pontos principais.

O primeiro requisito diz respeito a uma constituição civil republicana, pois a sociedade republicana é aquela que consegue combinar autonomia moral, individualismo e ordem social. Com a propriedade privada e economia de mercado o problema da espera privada é resolvido, enquanto na esfera pública, a liberdade jurídica, com um governo que, assim como citado por Locke, tenha a separação dos poderes e crie e aplique leis que afetem os cidadãos de forma indiscriminada, evita a tirania (SARFATI, 2005).

O segundo ponto fundamental é a federação pacífica, apontada por Kant como o meio de se alcançar a paz progressivamente. É por meio da federação que visa defender o direito dos Estados, por ser um grande pacto de não-agressão e não uma organização internacional ou um tratado de paz, se tornando assim uma espécie de comunidade de segurança internacional onde os Estados, pautados pelo direito internacional, continuam a reter sua soberania, visto que um Estado mundial pode acabar em um governo tirânico, além de ser inviável (SARFATI, 2005).

Por fim, Kant sustenta o estabelecimento da Lei Cosmopolitana, que proclama o tratamento hospitaleiro a estrangeiros, não significando que lhes devem ser oferecida a cidadania ou direito de se estabelecer no país (SARFATI, 2005).

É possível observar, então, que Kant apresenta enquanto elementos necessários para se impedir uma guerra são a democracia, o Estado e a divisão dos poderes, ou seja, o constitucional republicano interno a um Estado. Porém, esses fatos não impedem a guerra, eles apenas mostram quando se é possível entrar em um conflito.

Aqui, vale complementar que, com a expansão dos regimes liberais, o campo do direito internacional passa a ser construído, uma vez que quando os Estados entendem que no ambiente interno os direitos constitucionais devem ser respeitados e garantidos, também é percebido pelos mesmos que, no âmbito externo o direito da soberania dos Estados precisa ser respeitado, criando-se assim, através do respeito ao direito internacional, um espaço necessário para a cooperação internacional, o que é benéfico para que os Estados criem uma relação de benefício mútuo (SARFATI, 2005).

Por fim, a maior ameaça a um Estado liberal são os governos não-liberais, pois os primeiros entendem que esses não são legítimos, o que não impede a guerra entre ambos. Sendo assim, os governos não-liberais são uma ameaça constante aos Estados com governos liberais.

2.5 A REDEFINIÇÃO DO LIBERALISMO CLÁSSICO: O NEOLIBERALISMO

Influenciado por teorias econômicas neoclássicas temos uma redefinição do liberalismo chamada Neoliberalismo. Nessa vertente os Estados seguem sendo os principais atores das relações internacionais, o sistema internacional passa a ser

considerado descentralizado, formando assim um sistema anárquico, em que todos são iguais entre si e sem um poder que lhes faça obedecer. Como o mundo moderno não pode ser caracterizado por um sistema caótico, as organizações internacionais ganham um papel importante nesse cenário (SARFATI, 2005).

Vale ressaltar que os neoliberais defendem uma economia baseada no livre jogo das forças do mercado, o que para eles, garante o crescimento econômico e desenvolvimento social. Nesse sentido, os conceitos de descentralização e institucionalização são de suma importância para se entender o mundo moderno.

Podemos definir institucionalização como as regras estabelecidas, normas, convenções, reconhecimento diplomático, governados por entendimentos formais ou não-formais (SARFATI, 2005). Para Waltz, a anarquia característica do sistema internacional não pode ser entendida isoladamente, visto que grande parte do comportamento dos Estados é dita pelo grau de institucionalização entre eles (SARFATI, 2005).

Para o neoliberalismo, a habilidade dos Estados em se comunicar e cooperar depende da construção de instituições, o que faz com que suas ações dependam dos arranjos institucionais, capazes de afetar três áreas: o fluxo de informações e a oportunidade de negociar, a habilidade dos governo de monitorar os compromissos assumidos pelos outros países e a expectativa sobre a solidez dos acordos internacionais.

Com isso o Neoliberalismo se preocupa em estudar como as instituições afetam o comportamento dos Estados, assumindo duas premissas básicas: a primeira é a de que os atores devem perceber que tem algo a ganhar para que ocorra a cooperação, já que eles devem ter interesses em comum para isso. A segunda diz respeito à influência que o grau de institucionalização exerce sobre o comportamento dos Estados (SARFATI, 2005).

Quando existem poucos interesses em comum entre os Estados, assim como um baixo grau de institucionalização entre eles, espera-se que as premissas realistas/neo-realistas de distribuição de poder e de balanço de poder sejam preponderantes em suas relações. Porém, a partir do momento em que os Estados consegue enxergar razões para cooperar, o relacionamento entre eles passa a ser cada vez mais institucionalizado, fazendo com que as premissas realistas/neo-

realistas percam relevância e assim se vê necessário a explicação do efeito das instituições nas relações dos países (SARFATI, 2005).

Gilberto Sarfati cita Keohane para definir as instituições. Para o estudioso norte-americano, as instituições como um grupo de regras, formais e informais, persistentemente conectadas que prescrevem o comportamento, constroem as atividades e definem expectativas, o que faz com que as instituições assumam diferentes formatos, o intergovernamental ou as organizações não-governamentais internacionais, onde podemos encontrar instituições que são desenhadas pelos Estados com algum propósito específico, como a ONU ou OMC (SARFATI, 2005). As OINGs, apesar de ter um propósito específico e um corpo burocrático, não são controladas pelos governos nacionais.

Nos regimes internacionais, encontramos instituições que possuem regras explícitas acordadas entre governos para determinado assunto de relações internacionais, a exemplo disso temos o GATT e o regime monetário de Brettons Woods. O segundo formato diz respeito às convenções, que são instituições informais com regras e entendimentos implícitos que incentivam a coordenação. Nascem espontaneamente, como nos casos da tradição da imunidade diplomática.

A importância das instituições se dá por conta de seu importante papel no relacionamento entre Estados, afetando os incentivos que eles tem para cooperar, os custos das alternativas e a compreensão do papel dos estadistas e os pressupostos dos outros estadistas, ajudando assim a definir interesses. Em torno disso, um país que decida invadir outro país, deve levar em conta o risco da formação de uma coalizão, se será punido com sanções de embargos econômicos, cuja legitimidade se dá por uma votação na ONU.

Em termos de diferença da teoria neoliberal e a Teoria Liberal Pacifista e Liberalismo Comercial, os neoliberais acreditam que o comportamento pacífico pode ser estimulado por uma economia aberta e com trocas mutuamente benéficas, o que gera uma cooperação entre os Estados, ao invés do que a Teoria Liberal afirma, que é criada uma harmonia entre essas relações, harmonia essa que não existe. Para os neoliberais a cooperação vem de um processo de planejamento e negociação (SARFATI, 2005).

3. O CENÁRIO INTERNACIONAL DAS DÉCADAS DE 1970 E 1980

Tendo em conta que o cenário presente nas letras e temática do álbum o *Animals*, refere-se ao contexto das décadas de 1970 e 1980, esta etapa do trabalho se propõe a trazer uma breve percepção histórica da dinâmica internacional nesse período, destacando os eventos mais marcantes, a fim de contextualizar a abordagem feita pela banda Pink Floyd em seu disco, a ser apresentada no capítulo seguinte.

3.1 CENÁRIO INTERNACIONAL DA DÉCADA DE 1970

Dentre vários acontecimentos que ocorreram durante a década de 1970, podemos destacar a primeira crise do petróleo da OPEP (Organização dos Países exportadores de Petróleo) que ocorreu em 1973. A OPEP foi criada em 1960, composta pelos principais produtores de petróleo do mundo a fim de protestar contra políticas praticadas por empresas petrolíferas ocidentais, chamadas de “sete irmãos”¹. Com a conferência de Caracas, em 1961, foram definidos três objetivos para a OPEP: aumentar a receita dos países membros; promover aumento gradativo do controle sobre a produção de petróleo e unificar as políticas de produção. O aumento do valor dos *royalties* e a oneração de imposto às empresas transnacionais foi a primeira medida tomada pela OPEP (FREITAS, s/d).

Durante essa década também foi descoberto que o petróleo não era uma fonte renovável, fato esse que fez com que o preço do barril se elevasse e futuramente chegando a triplicar em 1977. Com a diminuição da oferta do petróleo uma série de conflitos ocorreu entre os países árabes membros da OPEP. Em cinco meses o preço do petróleo disparou 400%, causando graves reflexos na economia americana e europeia.

Nesse cenário o petróleo foi usado como instrumento político para exercer essa pressão sobre tais países, visto que os Estados Unidos e Europa apoiaram Israel, fornecendo armas para o país, na Guerra do Yom Kipur, contra os países Árabes. Estes utilizaram o petróleo como meio de atingir a economia dos países que

¹ Este grupo envolvia as empresas Standart Oil, Royal Dutch Shell, Móbil, Gulf, BP e Standart Oil da Califórnia

apoiavam Israel, de modo que, além da economia americana e europeia, toda a economia mundial ficou desestabilizada com o acontecido (FREITAS, s/d).

A Segunda Crise do Petróleo foi causada devido ao corte na venda e distribuição do mesmo por parte do Irã em 1979, em meio à revolução fundamentalista que o país passou nessa época. O governo de Xá Reza Pahlevi seria deposto por um movimento de cunho moralista e religioso liderado pelo Aiatolá Khomeini, o mesmo não tinha a mesma simpatia pelos países dependentes de petróleo como o regime deposto. Essas mudanças trazem uma grande turbulência no mercado do petróleo, fazendo com que pela segunda vez na década de 70 o preço do produto seja elevado (SANTIAGO, s/d).

A duração dessa crise passa a ser maior que a primeira devido ao fato de além da produção ter sido paralisada, o novo governo passa a controlar o preço do produto baseando-se na sua orientação político-religiosa. Em 1980 travou-se a Guerra Irã-Iraque (1980-1988), que prejudicou a exportação do petróleo para ambos envolvidos, fato que também gerou uma alta no valor do produto.

Outro fato de grande destaque na década de 70 é o fim da Guerra do Vietnã, que aconteceu entre os anos de 1959 e 1975, com a queda de Saigon. Também conhecida como Guerra da Indochina, foi um grande conflito que ocorreu na península da Indochina, localizada no sul da China e que reúne países como Vietnã, Laos, Camboja e Tailândia, que viviam sobre domínio francês. Já ansiando por independência, durante a Segunda Guerra Mundial esse território foi invadido e dominado pelo Japão, e como forma de reagir à invasão os vietnamitas formaram a Liga Revolucionária para a Independência do Vietnã (SILVA, s/d).

Com o fim da Segunda Guerra, guerrilheiros entraram em conflito com tropas francesas, a França sendo derrotada foi obrigada a aceitar a independência, reconhecendo-a em 1954 na Conferência de Genebra, também foi definido que o Vietnã seria subdividido em dois: Vietnã do Norte, parte socialista e Vietnã do Sul, parte capitalista e aliada aos Estados Unidos. A guerra de fato só se deu início em 1959, quando os guerrilheiros comunistas atacaram uma base norte-americana no Vietnã do Sul.

Durante o período de 1959 a 1964 a guerra foi restrita somente ao Vietnã do Norte e o do Sul, visto que desde a separação do Vietnã o clima de instabilidade sempre permaneceu devido às diferenças políticas e ideológicas existentes entre

Norte e Sul. Em 1964 os Estados Unidos entram na guerra, sofrendo grande derrota no final da década de 1960 para os vietcongues, devido à geografia da região que era desconhecida pelos norte-americanos. Em 1968, uma invasão do Vietnã do Norte causou grande retaliação de tropas norte-americanas e do próprio Vietnã do Sul, culminando no momento mais sangrento do conflito (SILVA, s/d).

O fim do conflito se deu em 1979, quando grupos pacifistas e a população civil faziam protestos ao governo dos Estados Unidos contra a permanência das tropas americanas na região. O envolvimento americano no Vietnã foi polêmico e marcado por violência cometida contra civis e pequenas aldeias, desde o uso de bombas incendiárias, como o napalm, e armas químicas, como o agente laranja, para destruir plantações e desfolhar árvores de florestas usadas como esconderijos.

A falta de sucesso na guerra, diversas derrotas consecutivas e a falta de apoio da população levou o então presidente dos estados Unidos, Richard Nixon, a propor o cessar-fogo com as tropas norte-vietnamitas em 1973, no mesmo ano o senado americano aprovou uma emenda que proibiu um novo envolvimento do país na guerra. Com a saída dos Estados Unidos do conflito, o governo do Vietnã do Sul, sem o apoio norte-americano, não conseguiu conter os avanços dos exércitos do norte e em 30 de abril de 1975 a cidade de Saigon foi conquistada pelos comunistas dando-se assim o final do conflito após quatorze anos, em 2 de julho de 1976 o Vietnã foi reunificado sob um governo comunista, sendo proclamada a República Socialista do Vietnã (JÚNIOR, s/d).

No contexto da década de 70 temos a recuperação econômica e tecnológica da República Popular da China durante o governo de Deng Xiao Ping que teve início em 1976 e permaneceu até 1997. O grande objetivo do governo de Deng Xiao Ping foi a abertura da economia chinesa, a China que vinha de um isolamento político, econômico e cultural do resto do mundo devido ao governo de Mao Tse-Tung, que durou de 1947 a 1976.

Nesse período o país viveu em um regime socialista totalitário em que foi decretado que o Estado chinês controlaria todos os meios de produção com o grande objetivo de controlar a economia, a política, a tecnologia, as forças armadas e todos os recursos naturais disponíveis no território administrado por Pequim. Com o modelo econômico e político rígido o país passou então a ter uma baixa

produtividade e uma competitividade pequena no cenário externo (BRANDT & RAWSKI, 2008).

Em 1972 a China ingressa no Conselho de Segurança das Nações Unidas, apoiada pelo então presidente dos Estados Unidos Richard Nixon, fato que fez com que políticos chineses começassem a olhar de uma maneira diferente para o mundo ocidental.

Com a morte de Mao Tse-Tung e o início do governo de Deng Xiao Ping, a economia chinesa foi aberta de forma que as decisões fossem controladas pelo Estado. Durante esse governo foram criadas as Zonas Econômicas Especiais (ZEE's), que tem como o principal objetivo atrair investimentos estrangeiros, desenvolver produção tecnológica e absorver as inovações tecnológicas de outros países mais avançados. Houve inúmeras privatizações e a entrada controlada de capital estrangeiro, e nesse momento Xiao Ping aproveitou as condições geográficas do país e investiu capital externo nos setores internos de agricultura, indústria de base, indústria bélica, tecnologia e ciência, o chamado “Programa das 4 modernizações”, visando a completa transformação da estrutura econômica do país e a tentativa de recuperar as décadas de atraso (BRANDT & RAWSKI, 2008).

Os principais objetivos dessas reformas eram a criação de uma economia de mercado com características socialistas, que visava a obtenção de lucros e sua maximização, porém mantendo a propriedade estatal dos meios de produção, e o crescimento econômico através do investimento de capital externo (BRANDT & RAWSKI, 2008). Essas medidas foram essenciais para transformar a China em uma superpotência emergente no mundo, com inúmeros atrativos de interesse para capitalistas neoliberais.

Na década de 1970 também podemos ver o final de regimes ditatoriais como o Salazarismo ou Estado Novo em Portugal, uma das mais longas ditaduras do século XX, que consistia em um regime com teor nacionalista, tradicionalista, corporativista, autoritário, antidemocrático, colonialista, anticomunista e antiparlamentarista. O regime terminou em 25 de abril de 1975 através do golpe militar realizado pelos militares do Movimento das Forças Armadas (MFA), que conquistou Lisboa e outros pontos estratégicos com apoio popular, ficando conhecido como Revolução dos Cravos. Antônio de Oliveira Salazar, primeiro-

ministro das finanças e virtual ditador, instalou o regime inspirado no fascismo italiano (GONÇALVES, s/d).

Em 1968, Salazar foi substituído pelo seu ex-primeiro ministro Marcelo Caetano, que deu prosseguimento à política de seu antecessor, causando descontentamento por parte da população e das forças armadas, devido ao desgaste com a longa guerra que Portugal travava contra a independência de Angola, Moçambique e Guiné, além da decadência econômica enfrentada pelo país, que se encontrava atrasado em relação aos demais países da Europa .

A revolução explodiu através de uma emissora de rádio, cuja música proibida pela censura, “Grândula Vila Morena”, de Zeca Afonso, foi a senha para esse movimento. Marcelo Caetano foi deposto e a presidência de Portugal foi assumida pelo general António de Spínola, dando fim assim ao Salazarismo português (GONÇALVES, s/d).

A Espanha, por sua vez, enfrentava um regime ditatorial conhecido como Franquismo espanhol, que também teve fim durante a década de 70, sua principal característica é a inclinação ao conservadorismo nacional baseado no nacionalismo da “Unidade Nacional Espanhola”. Foi instaurado um governo republicano com orientação comunista na Espanha após a crise de 1929, esse governo permaneceu de 1931 até 1936, quando houve a retomada da Frente Popular ao poder.

Em 1936 o general Franco, apoiado por simpatizantes do fascismo, a burguesia conservadora e grande parte da classe média, proferiram um golpe de Estado contra o governo de esquerda, o golpe ocasionou a Guerra Civil Espanhola, que durou até 1939, quando o grupo nacionalista de Francisco Franco vence o conflito e instaura o regime ditatorial. Com o início da Segunda Guerra Mundial, os espanhóis se aliam aos regimes fascistas, estes são derrotados em 1945 e os regimes fascistas perdem seu prestígio, assim Francisco Franco promulga a “Lei de Sucessão” e estabelece uma Monarquia Constitucional (GASPARETTO JÚNIOR, s/d).

No contexto da Guerra Fria a Espanha recebe investimentos dos Estados Unidos a fim de conter o avanço comunista e em 1960 o nível de qualidade de vida espanhol atinge um patamar elevado. No ano de 1975 o franquismo como regime político terminou, com a morte de Francisco Franco, sucedido então por Juan Carlos I, abrindo assim um espaço para uma transição para um democracia parlamentar.

3.2 CENÁRIO INTERNACIONAL DA DÉCADA DE 1980

Os anos 1980, também conhecidos como a “década perdida” ou “os anos perdidos”, para os países da América Latina, foram marcados por crises econômicas, volatilidade do mercado, baixo crescimento do PIB, altos níveis de desemprego, economia estagnada e altos índices de uma inflação elevada, também houve nessa época um aumento das dívidas externas.

Um fato que merece destaque nesse período foi a Guerra das Malvinas, travada entre Argentina e Reino Unido em 1982, quando as forças armadas da Argentina invadiram as Ilhas Malvinas, que embora fosse um território pouco habitado, possuía uma posição geográfica estratégica. As Ilhas foram colonizadas e dominadas pelos britânicos desde 1833 e com a invasão a Argentina alegou que as ilhas deveriam ser incorporadas ao seu território, pois era de direito argentino a sua incorporação devido à independência de 1822, que daria direito ao território que antes pertencia à Espanha (NAVARRO, 2011)

Uma questão política também agravava o conflito, o governo ditatorial da Argentina, governada na época por Galtiere, que sofria pela impopularidade e via na guerra uma forma de unir a opinião pública do país contra um inimigo externo e assim dar fôlego ao governo. Por outro lado, o governo de Margareth Thatcher no Reino Unido também sofria baixa popularidade, utilizando-se assim da guerra como arma política interna e reagindo prontamente.

Em 2 de abril de 1982 a Argentina invadiu o arquipélago de Port Stanley, expulsando a presença britânica presente no lugar e passando a chama-lo de Puerto Argentino. A princípio o Reino Unido tentou resolver a situação de forma pacífica, exigindo que as tropas argentinas se retirassem do local, porém a proposta foi recusada e assim a Coroa Britânica anunciou o corte das relações do Reino Unido com a Argentina e enviou um poderoso contra-ataque para combater as forças argentinas, que visivelmente estavam em grande desvantagem militar, e, mesmo tendo vantagem da proximidade territorial, a Argentina não foi capaz de conter as forças britânicas (NAVARRO, 2011).

Amplamente superior no quesito militar, o Reino Unido saiu vitorioso do conflito e manteve o controle das Ilhas Malvinas, fazendo que com o governo de

Margareth Thatcher ganhasse força, fazendo com que ela conseguisse se reeleger primeira-ministra britânica. A Argentina, por outro lado, entrou em uma profunda crise econômica e política, teve seu presidente deposto e assim se deu início a um processo de redemocratização no país. As relações diplomáticas entre os países só foram retomadas em 1990 e mesmo assim ainda prevalece um clima pouco amigável entre ambas as nações (NAVARRO, 2011).

Outro conflito que assolou a década de 1980 e merece destaque é a Guerra Irã-Iraque. As relações entre esses países já haviam se deteriorado desde a Revolução Islâmica em 1979, e apesar de ambos seguirem a religião muçulmana, no Iraque e na maioria dos demais países árabes a corrente majoritária que prevalece é a sunita, enquanto no Irã é a xiita, ambas diferem-se em relação à questão da linha sucessória de Maomé.

O conflito se iniciou em 1980, quando Saddam Hussein utiliza a disputa de fronteiras como pretexto para invadir o país vizinho, seu objetivo era enfraquecer o movimento fundamentalista no Irã, já que após a revolução o Aiatolá Khomeini ambicionava exportar sua ideologia para outros países do Oriente Médio, incluindo o Iraque, surgindo assim uma onda de apoio ao aiatolá e que foi sentida pela maioria xiita, o que também culminou na tentativa de assassinato do vice-primeiro-ministro Tariq Aziz em 1980 (SANTIAGO, s/d)

O conflito inicialmente pendeu para o lado iraniano, que no momento teve apoio dos Estados Unidos através de venda de armamentos para o país. Porém, a superioridade das forças iranianas pesou para o lado destes, e muitos dos oficiais iranianos sofreram perseguições do regime do novo aiatolá. Apesar do apoio clandestino americano, a Líbia e Síria apoiavam formalmente o Irã, enquanto o Iraque contava com o apoio oficial de países como Arábia Saudita e Estados Unidos.

Em 20 de agosto de 1988 o conflito chegou ao fim, resultando em um enfraquecimento do regime iraniano, que mesmo assim conseguiu manter intacta sua revolução. Saddam Hussein aparentemente atingiu seu interesse em inibir a influência iraniana na região e obter predomínio militar, acumulando assim um grande exército de tanques, artilharia, aviões de combate e militares treinados, sendo assim o Iraque acabou saindo com maiores vantagens político-militares do conflito, porém sem uma vitória decisiva (SANTIAGO, s/d).

Vale a pena ressaltar que se não fosse o apoio dos Estados Unidos, com o fornecimento de tecnologia para armas químicas, o Irã poderia ter vencido o conflito, porém, após o conflito Saddam não recebeu mais nenhum apoio logístico ou financeiro dos Estados Unidos e outros países árabes.

A vitória de Ronald Reagan nos Estados Unidos em 1981 marcou o início da prática neoliberal no país. Seu governo aplicou políticas que refletiam sua crença individual, fazendo mudanças no mercado interno, promovendo uma expansão militar e contribuindo para o fim da Guerra Fria. Sua presidência revigorou a moral norte-americana, a economia e reduziu a dependência pelo governo.

Durante seu primeiro mandato, Reagan implementou ações que sancionassem economicamente o bloco socialista e que evitasse a ascensão de regimes políticos de esquerda na América Latina, incentivou a corrida armamentista contra os soviéticos, aumentando os gastos militares do país com ajuda de 6% do PIB para tais gastos, tais situações levaram os soviéticos a interromper o diálogo político com os Estados Unidos, desaprovando o reaquecimento da corrida armamentista. Países da América Latina, como a Nicarágua, sofreram intervenção militar devido ao aparecimento de governos que não ia de encontro com os ideais norte-americanos (SOUSA, s/d).

O primeiro mandato de Reagan apresentou bons índices econômicos, lhe garantindo assim sua reeleição em 1984. Durante o segundo mandato as políticas armamentistas perderam seu vigor em vista da abertura política e econômica na União Soviética durante o governo de Mikhail Gorbatchev, dessa maneira, com o desenvolvimento de novos e fortes concorrentes comerciais, o Estado reduziu significativamente seus gastos com os campos de bem-estar social e aumentou os benefícios para grupos econômicos e o mercado financeiro.

A crise na bolsa de valores de 1987, conhecida como “Black Monday” ou “Segunda-feira Negra”, também foi um acontecimento de destaque na década de 1980 e durante o mandato de Ronald Reagan. O evento foi a maior queda do século na bolsa de valor de Nova York, quase o dobro da crise de 1929, dando início assim à pior crise econômica da história americana, a Grande Recessão. A crise teve origem através de um excesso de confiança dos investidores nos novos negócios e lançamentos de ações que surgiam no mercado financeiro prometendo promessas de rápida e intensa valorização (A HISTÓRIA .., 2009).

As explicações para a crise apontavam para a política econômica do presidente americano Ronald Reagan, que gerava enormes déficits orçamentários. Nesse contexto, o governo aumentou as taxas de juros numa tentativa de atrair capitais. Estima-se que cerca de US\$ 870 bilhões desapareceram do mercado naquela segunda-feira, fato que também causou o fim da política econômica de Reagan, que dias após a crise, já negociava com o Congresso cortes severos nos gastos públicos (A HISTÓRIA .., 2009).

O grande símbolo da Guerra Fria, o Muro de Berlim, teve sua queda no final da década de 1980. Foi construído na forma de um cerco que envolvia toda a parte ocidental da capital alemã, tornando-se um ícone da divisão ideológica, dada pela Guerra Fria, em dois blocos políticos: o bloco ocidental, que era liderado pelos Estados Unidos, e o bloco oriental ou soviético, liderado pela União Soviética.

Esta configuração formou-se após a Segunda Guerra Mundial, quando dois países saíram fortalecidos, os Estados Unidos e a União Soviética, nascendo assim a bipolarização do mundo e o nascimento de confrontos indiretos e ideológicos, a chamada guerra Fria. O muro foi um símbolo do começo da Guerra Fria e também um ícone de seu fim quando foi derrubado no final da década de 80, quando a URSS começou a sofrer um colapso em seu modelo político-econômico.

As reformas aplicadas pelo então presidente Mikhail Gorbachev, conhecidas como Perestroika e Glasnost, não tiveram êxito em tornar a economia soviética mais flexível sem abandonar o comunismo e o modelo de controle estatal da economia e das relações sociais, causando assim uma fragmentação da União Soviética, onde muitas nações romperam com a URSS, formando-se assim a CEI (Comunidade dos Estados Independentes). (FERNANDES, s/d).

Esse colapso soviético atingiu também suas zonas de influência, inclusive a Alemanha Oriental, que começou a enfrentar vários protestos em 1989 pela população americana como um todo para que houvesse a reunificação do país, e então no dia 9 de novembro de 1989, cidadãos de ambas as partes de Berlim, munidos de ferramentas, puseram abaixo partes do muro que dividia a cidade, clamando assim por liberdade e enterrando, simbolicamente, a Guerra Fria.

Dada a relevância da presença neoliberal no cenário internacional, tendo em vista ser esse o alvo das críticas presentes no álbum *Animals*, destacaremos neste

espaço dedicado à década de 1980 o governo de Margareth Thatcher na Inglaterra, marcando presença do neoliberalismo no país.

3.3 A ASCENSÃO NEOLIBERAL NA INGLATERRA E O GOVERNO DE MARGARETH THATCHER

A Inglaterra se encontrava em um período de recessão econômica no final de 1970, sofrendo com o alto nível de desemprego, altas taxas de inflação e sofrendo uma grande crise petrolífera, que foi sentida por muitos outros países na década de 1970. É dentro desse cenário turbulento que Margareth Thatcher assume o poder como primeira-ministra britânica. Apelidada de “Dama de Ferro” foi a primeira mulher a ocupar o cargo de primeira-ministra britânica.

Nascida em Grantham, Lincolnshire, no dia 13 de outubro de 1925, Margareth Hilda Roberts era filha de Alfred Roberts e Beatrice Ethel. Sua família possuía um mercado e todos moravam em um apartamento no andar de cima. Seu pai era ativo na política local, chegando a ser vereador em Grantham, fato que reflete a inserção de Thatcher na política conservadora desde cedo. Margareth frequentou o colégio Huntingtower Road até ganhar uma bolsa em Kesteven and Grantham Girls e posteriormente, por ter um currículo notório, recebeu uma bolsa e ingressou na Universidade de Oxford em 1943 para estudar Química, formando-se em 1947 (BECKETT, 2006).

Após se formar, Thatcher mudou-se para Colchester, em Essex, juntando-se à Associação Conservadora local. Um de seus amigos de Oxford lhe apresentou ao presidente da Associação Conservadora de Dartford em Kent, que no momento procurava por candidatos. Nos anos de 1950 e 1951 saiu como candidata conservadora em Dartford, mesmo sabendo que se tratava de um distrito eleitoral considerado de fácil vitória trabalhista e que, longe do partido trabalhista liberal, seria praticamente impossível conseguir uma vaga. Entretanto, Thatcher atraiu a atenção da mídia por ser a única candidata mulher. Após a derrota em dois anos consecutivos, em 1952 Margareth Thatcher passa a estudar Direito, porém, sem abandonar a política, e finalmente em 1958 foi escolhida como candidata para Finchley e sendo eleita membro do parlamento nas eleições gerais de 1959 (BECKETT, 2006).

No ano de 1961, ganhou visibilidade ao ocupar o cargo de Secretária de Estado do Ministério de Pensões e Seguro Social durante o governo de Harold Macmillan. Quando o partido conservador voltou ao poder, em 1970, Margareth foi nomeada Secretária de Estado da Educação e Ciência, quando recebeu o apelido de “Margareth Thatcher, Milk Snatcher” (Tradução livre: “Margareth Thatcher, ladra de leite”), devido à sua política de impor cortes de gastos públicos sobre o sistema estatal de ensino, o que resultou no corte do leite grátis nas escolas. Durante seu mandato como ministra da Educação, recusou somente 326 de 3.612 propostas para as escolas se tornarem abrangentes, aumentando de 32 para 62 por cento a proporção de alunos frequentando escolas (BECKETT, 2006).

Após a crise do petróleo o governo Heath começou a sentir dificuldades devido aos embargos econômicos causados pela crise, além das demandas sindicais para aumentos salariais, perdendo as eleições gerais em fevereiro de 1974, de tal forma os trabalhistas formaram um governo de minoria e ganhando as eleições gerais de outubro de 1974. Como a liderança de Heath no Partido Conservador aparentava cada vez mais em dúvida, Thatcher acabou se tornando sua principal adversária, derrotando Heath na primeira votação e, em seguida, derrotou o sucessor preferido de Heath, William Whitelaw, tornando-se assim líder do partido em 1975 (BECKETT, 2006).

Por influências, tornou-se a face do movimento ideológico de oposição à Economia de bem-estar social keynesiano, cuja qual Thatcher acreditava que estava enfraquecendo o Reino Unido, adotando assim uma política neoliberal, propondo menos governo, menos impostos e maior liberdade para as empresas e consumidores.

3.3.1 1975-1983: PRIMEIRO MANDATO

O apelido “Dama de Ferro” se deu após um duro ataque de Thatcher contra a União Soviética, em um discurso realizado na sede municipal de Kensington. Nessa ocasião o jornal do Ministério da Defesa soviético chamou-a de “Dama de Ferro” como resposta ao seu discurso. Com o adiamento das eleições gerais de 1978 para 1979 e o enfraquecimento do governo trabalhista, os conservadores ganharam direito a 44 assentos na Câmara dos Comuns e assim Margareth Thatcher passa a

ser a primeira mulher a ocupar o cargo de primeira ministra do Reino Unido (THATCHER, s/d).

Como primeira-ministra, Thatcher lutou contra a recessão, aumentando as taxas de juros para controlar a inflação e ficando conhecida pela destruição de indústrias tradicionais e ataques a sindicatos, através de reformas institucionais, também privatizou a moradia social e o transporte público. A premissa de que o mercado e não o Estado podia servir melhor à sociedade fez com que ela adotasse medidas que ajudassem a reviver o país após a crise dos anos de 1970, porém, esse fato levou a uma onda de desemprego massivo, aumentando assim a desigualdade social e a pobreza infantil.

Durante os cinco primeiros anos de seu mandato, não houve nenhuma melhoria para a economia britânica: impostos diretos foram cortados para restaurar incentivos, o orçamento teve que ser equilibrado, e os impostos indiretos aumentados. A economia estava entrando em recessão e a inflação estava subindo, por isso taxas de juros tiveram que ser aumentadas com a finalidade de controlá-la. Ainda, o desemprego atingiu uma marca de mais de três milhões e só começou a cair em 1986, indústrias ineficientes foram fechadas foram sendo assim, foram anos conturbados para sua política anticomunista, recebendo várias críticas e enfrentando greves e manifestações dos sindicatos trabalhistas (THATCHER, s/d).

Contudo, ganhos de longo prazo foram feitos, a inflação foi controlada criando a expectativa de que o governo faria o necessário para controlá-la. Em 1981, com o aumento dos impostos no ponto baixo da recessão, o pensamento keynesiano econômico convencional foi ofendido, porém foi possível um corte na taxa de juros e o crescimento econômico começou a aparecer no mesmo trimestre, o que ocasionou no aumento do apoio político de seu governo.

Seu primeiro grande desafio no primeiro mandato como primeira-ministra britânica se deu com a invasão da Argentina nas Ilhas Malvinas em abril de 1982. Thatcher respondeu de forma ágil, enviando tropas para retomar o território e fazendo com que a Argentina se rendesse em junho de 1982, fato esse que fez com que sua popularidade aumentasse, o que foi um fator determinante para sua reeleição (THATCHER, s/d).

O fato de ter lutado pelas ilhas impressionou o eleitorado, visto que poucos líderes britânicos ou até mesmo europeus teriam lutado por elas, assim Margareth

Thatcher conseguiu lançar bases para uma política externa muito mais vigorosa e independente.

Com a reeleição em 1983 a sua maioria parlamentar praticamente triplicou. Foi em seu primeiro mandato que podemos considerá-la como uma precursora do neoliberalismo.

3.3.2 1983-1987: SEGUNDO MANDATO

Os desafios de Thatcher não diminuíram durante seu segundo mandato, que já começou de maneira perturbada, talvez mais perturbado do que o primeiro. O governo se viu desafiado por crises sindicais, como a crise do sindicato dos mineiros, que realizou uma greve de um ano de duração, sendo de 1984 a 1985, sendo a greve mais longa e violenta já enfrentada na história do Reino Unido. Por outro lado, isso provou a dureza de Thatcher de que suas reformas seriam duráveis.

O ponto de maior impacto em seu segundo mandato foi a tentativa de assassinato contra ela em outubro de 1984, quando o Exército Republicano Irlandês (IRA), colocando bombas no hotel em que Thatcher e muitos de seu gabinete estavam para a Conferência Conservadora em Brighton. Margareth saiu sem nenhum ferimento, porém alguns membros de seu comitê ficaram feridos e até mesmo foram mortos. Sua recusa em atender às demandas políticas do IRA gerou um ódio especial pela primeira-ministra, a política britânica na Irlanda do Norte tinha sido fonte permanente de conflitos para cada primeiro-ministro desde 1969 (THATCHER, s/d).

Após o acontecido, adotou uma política extremamente hostil contra o terrorismo, embora tenha aceitado o Acordo Anglo-Irlandês numa tentativa de melhorar a cooperação de segurança entre Grã Bretanha e Irlanda, além de dar algum reconhecimento à visão política dos católicos da Irlanda do Norte. Vale ressaltar que tal iniciativa ganhou o endosso da administração Reagan e do Congresso dos Estados Unidos, sendo que Reagan era um dos principais simpatizantes de Thatcher (THATCHER, s/d).

Economicamente o país continuou melhorando e a política de liberalização econômica foi estendida. Uma política de venda de bens do Estado começou a ser implantada pelo governo, sendo assim, as privatizações britânicas da década de 80

foram influentes em todo o mundo, sendo as primeiras desse tipo. A venda de bens do Estado se dava por meio de ações oferecidas ao público com condições generosas de pagamento para pequenos investidores. Ao mesmo tempo, o encorajamento para a população comprar suas próprias casas e fazer regimes de pensões privados foram essenciais, a longo prazo, para aumentar o patrimônio pessoal da população britânica.

Apesar das fortes críticas ao sistema soviético, quando Mikhail Gorbachev surgiu como líder da União Soviética, Thatcher convidou-o para ir à Grã-Bretanha, anunciando assim que “ele era um homem com que ela poderia fazer negócios”, apesar do fato de as críticas sobre o sistema soviético não terem diminuído.

Thatcher sofreu com as divisões de esquerda e direita dentro de seu gabinete, a renúncia do Ministro da Defesa, Michael Heseltine expôs essas divisões. Foi fortemente criticada pelo apoio aos ataques aéreos de Ronald Reagan sobre a Líbia em 1986, sobretudo por permitir que aviões americanos utilizassem bases britânicas para atacar alvos na Líbia.

Na conferência anual do Partido Conservador, Thatcher renunciou em seu discurso uma série de mudanças para um terceiro mandato, com boas perspectivas para a eleição o governo por reeleito em 1987, mantendo sua maioria parlamentar.

3.3.3 1987-1990: TERCEIRO MANDATO E RENÚNCIA

Durante o terceiro mandato de Thatcher, sua plataforma legislativa apresentava reformas para o sistema de ensino, introduzindo um currículo nacional; uma novo sistema fiscal para o governo local, conhecido como *Community Charge*; reformas na saúde, com uma legislação para separar compradores e fornecedores dentro do Serviço Nacional de Saúde. Todas essas três medidas podem ser classificadas como controversas. A *Community Charge* tornou-se um problema quando conselhos locais se utilizaram da introdução do sistema para aumentar as taxas de impostos e responsabilizar o Governo Thatcher por esse aumento, já as reformas na educação e saúde acabaram sendo duradouras (THATCHER, s/d).

Houve um crescimento econômico em 1987 e 1988, porém começando a superaquecer. O Chanceler do Tesouro, Nigel Lawson, renuncia em 1989, após Margareth Thatcher se opor à política instalada por ele, essa política consistia em

atrelar a libra esterlina ao marco através do Mecanismo Europeu de Taxas de Câmbio (ERM).

Simultaneamente, com a vitória de George Bush nos Estados Unidos, o governo britânico perde apoio externo país, visto que Bush não era um simpatizante de Thatcher, assim como Ronald Reagan. Com o fim da Guerra Fria em 1990, os livres mercados e instituições ficam em alta, porém, esse evento desencadeia a próxima fase da integração europeia, a França retoma o projeto de uma moeda única europeia. Fora o fator da integração econômica europeia, o desemprego na Grã Bretanha, que resultava da política de Thatcher, fez com que a ala do Partido Conservador, que era contrária à sua política, levasse Margareth Thatcher a renunciar a liderança do partido e abdicar do cargo de primeira-ministra (THATCHER, s/d).

Mesmo após a sua renúncia, ela foi nomeada para a Cada dos Lordes como Baronesa Thatcher de Kesteven, mantendo-se uma figura política poderosa. Pode-se dizer que seu legado é de extrema importância para a história britânica. Para alguns, foi uma figura que resgatou o Reino Unido e lançou bases para um renascimento econômico e enquanto para críticos, ela era a “Dama de Ferro”, uma tirana que marcou o início de uma era onde os pobres ficaram mais pobres e os ricos ficaram mais ricos. Sua relação com Ronald Reagan é de extrema importância para a ascensão neoliberal, ambos partilhavam da mesma crença de que o livre mercado iria construir um país melhor do que a dependência do Estado como centro. Margareth Thatcher faleceu em 8 de abril de 2013, aos 87 anos, devido a um acidente vascular cerebral.

Após a exploração dos principais fatos que deram às décadas de 1970 e 1980 suas características próprias, bem como do momento britânico sob o governo de Margareth Thatcher, o capítulo a seguir se dedica a trazer a leitura feita pelo Pink Floyd em *Animals* a respeito desse cenário.

4. “ANIMALS”: CANTANDO A INGLATERRA NEOLIBERAL SEGUNDO PINK FLOYD

O seguinte capítulo desta pesquisa visa abordar o cenário socioeconômico da Inglaterra segundo uma análise das letras do álbum *Animals*, da banda inglesa Pink Floyd, álbum inspirado na obra *Revolução dos Bichos* (em inglês, *Animal Farm*) de George Orwell, publicado em 1945.

4.1 A BANDA INGLESA PINK FLOYD E SUA HISTÓRIA

A banda nasceu em 1965, quando Roger ‘Syd’ Barrett e Roger Waters conheceram Nick Mason, um percussionista experimental, e Rick Wright, um tecladista extraordinário, resultando assim na primeira formação do Pink Floyd (PINK FLOYD OFFICIAL SITE) O nome da banda foi dado por Barrett, como forma de homenagear dois de seus ídolos do blues, Pink Anderson e Floyd Council. Barrett também foi o responsável por estar à frente da banda durante os primeiros anos, sendo a mente criativa que impulsionou o grupo durante três anos (PINK FLOYD OFFICIAL SITE).

O primeiro álbum da banda foi o LP *The Piper At The Gates of Dawn*, gravado no estúdio Abbey Road, ao lado dos Beatles. O álbum é produção principalmente de Barrett e considerado uma relíquia de sua época, misturando capricho com estranheza. Durante esse período, muitos jovens encontraram no LSD um estilo de vida e entre eles estava Barrett, fato esse que não cooperou com seu equilíbrio mental e, assim, resultando posteriormente sua saída da banda. Seu comportamento ameaçava afundar a banda junto com ele, porém, o grupo pretendia manter seu líder, esperando que ele se recuperasse.

Assim, David Gilmour assume a posição de Barrett no palco enquanto havia esperança de que Barrett continuasse a compor fora do palco. Porém, após algumas tentativas, o grupo percebeu que poderia fazer suas apresentações sem Barrett, e assim, em março de 1968, teve início a segunda fase da banda (PINK FLOYD OFFICIAL SITE) Com Gilmour assumindo a guitarra e Waters assumindo o dever lírico, o Pink Floyd lança seu segundo álbum, *A Saucerful of Secrets*, seguido pelo o álbum duplo *Ummagumma*, que chegou no número cinco nas paradas do Reino

Unido, aumentando de forma considerável a reputação da banda, fazendo com que o Pink Floyd aparecesse nos principais festivais de seu tempo, entre 1970 e 1971 (PINK FLOYD OFFICIAL SITE)

O primeiro álbum a atingir o primeiro lugar nas paradas foi *Atom Heart Mother*, de 1970, em que Gilmour aparece com sua primeira contribuição lírica em *Fat Old Sun*. O álbum *Meddle*, lançado em 31 de outubro de 1971, destaca toda a virtuosidade do guitarrista, apresentando faixas com grandes partes instrumentais como *Echoes* e *One of These Days*. Em 1972 a banda era cada vez mais bem sucedida e assim começaram a trabalhar em seu mais popular álbum, que teria mais de 45 milhões de cópias vendidas, *Dark Side Of The Moon* (PINK FLOYD OFFICIAL SITE)

Lançado em março 1973, o álbum é considerado o ponto mais alto da banda e demonstra o grande talento de todos, principalmente de Waters como letrista e conceitualista. Temas como alienação, isolamento e fragilidade mental podem ser encontrados nas letras de Waters, o que remete o pensamento a Barrett, seu antigo colega. A antiga amizade inspirou duas grandes faixas, *Wish You Were Here* e *Shine On You Crazy Diamond*, que se tornaram o ponto alto do próximo álbum da banda, *Wish You Were Here*, lançado no verão de 1975 (PINK FLOYD OFFICIAL SITE).

Em janeiro de 1977 a banda lançou seu décimo álbum de estúdio, *Animals*, álbum que receberá grande importância no presente capítulo, devido às suas letras e a inspiração em *Animal Farm*, de George Orwell. O projeto mais ambicioso da banda, *The Wall*, começou a tomar forma, trazendo uma grande reflexão de Waters, em sua grande parte autobiográfica, sobre a natureza do amor, da vida e da arte. Os shows da turnê desse álbum podem ser considerados como os mais ambiciosos da história do rock. O álbum vendeu 20 milhões de cópias e gerou o único single número um da banda, *Another Brick In The Wall, Part 2*. Também foi transformado em um filme no ano de 1982, dirigido por Alan Parker e estrelado por Bob Geldof (PINK FLOYD OFFICIAL SITE. Biography).

De volta ao estúdio a banda grava o álbum *The Final Cut*, provocado pelo conflito das Ilhas Maldivas em 1982 e lançado no ano seguinte. Este álbum aborda temas como lembranças e sonhos não concluídos pós-guerra. O álbum foi

totalmente creditado a Waters, sendo atribuído como “Roger Waters, interpretado por Pink Floyd” (PINK FLOYD OFFICIAL SITE).

Três anos após *The Final Cut*, Waters anuncia sua saída da banda; no entanto, Gilmour e Mason decidem prosseguir como grupo, mesmo sem Waters. E, 1987 a banda lança o álbum intitulado de *A Momentary Lapse of Reason*, que demonstra que o Pink Floyd poderia trilhar seu caminho mesmo sem Waters. A turnê mundial subsequente foi a mais bem sucedida da banda, levando, ao longo de quatro anos, 5,5 milhões de pessoas a verem duzentos shows da banda (PINK FLOYD OFFICIAL SITE).

Em 1994 a banda lança o intitulado *The Division Bell*, que mostrou Gilmour e a banda em um rolo criativo, com contribuições de Wright em algumas letras e uma parceria de Gilmour com sua esposa, a romancista Polly Samson. Desde então a banda não gravou nenhum material novo no estúdio. (PINK FLOYD OFFICIAL SITE)

Em 2003 a banda perdeu seu gerente, Steve O'Rourke, que morreu devido a um acidente vascular cerebral. Posteriormente, em 2006, Syd Barrett morre devido a um câncer de pâncreas e em 2008, Rick Wright o segue. A banda chegou a se apresentar reunida em algumas ocasiões, porém todos acabaram por seguir carreiras solo, sendo improvável que se reúnam de novo sob o nome Pink Floyd (PINK FLOYD OFFICIAL SITE).

4.2 "ANIMALS" E A INFLUÊNCIA DE "A REVOLUÇÃO DOS BICHOS" PARA A FORMAÇÃO DE UMA CRÍTICA NEOLIBERAL

Como citado anteriormente, essa pesquisa dará atenção especial ao décimo álbum de estúdio da banda, *Animals*. O álbum tem grande influência do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell, lançado em 1945. O livro mostra uma história de corrupção, recorrendo a figuras de animais para retratar fraquezas humanas, uma metáfora para tecer uma crítica ao regime proposto por Stalin na União Soviética.

A revolução dos animais é liderada pelos porcos Bola-de-Neve e Napoleão; ambos tentam criar uma sociedade utópica entre os animais da granja, porém Bola-De-Neve é afastado por Napoleão, cujo poder o seduz e o faz estabelecer uma

ditadura tão corrupta quanto a sociedade humana que os mesmos desprezavam (HISTÓRIA VIVA, ANO 1).

O álbum retrata de forma análoga ao livro de Orwell três animais principais: as ovelhas, os porcos e os cachorros. Porém, diferentemente da obra de Orwell, o álbum faz uma contextualização histórica e ideológica do período retratado, ou seja, a Inglaterra capitalista pós-industrial (ROEDEL CAMPOS, Gustavo: Porcos, cães e ovelhas: marxismo no álbum *Animals* – Pink Floyd, Revista Três Pontos, p.117. 2015, Minas Gerais). (ROEDEL, 2015, p. 117).

A seguir, o trabalho se dedicará a articular as letras trazidas em *Animals* com o cenário da Europa das décadas de 1970 e 1980, de modo a explorar a crítica trazida pela banda em suas músicas.

4.3 “PIGS ON THE WING (PART ONE)”: O INDIVIDUALISMO CAPITALISTA

*“Occasionally glancing up through the rain
Wondering which of the buggers to blame
And watching for pigs on the wing”
(WATERS, Roger. Pigs on the Wing (part one) Pink Floyd -
Animals, 1976.)*

A música de abertura do álbum é *Pigs on the wing (part one)*, definida por Roger Waters como sendo uma canção de amor dedicada à sua segunda esposa. Difere das demais músicas devido ao seu tom mais ameno, sendo melódica e harmonicamente, tranquila pacífica e bucólica (ROEDEL, 2015, p. 118).

Na canção, o eu lírico, como um indivíduo particular e distinto, teme o caminho do individualismo, esse que é responsável pela perdição do caminho esperado e natural, ponto que faz com o eu lírico fundamente a importância do cuidado recíproco, sem o qual seria impossível se estabelecer uma relação social plena (ROEDEL, 2015, p. 118). Dessa forma, o eu lírico da a entender que, pela sua existência empírica e histórica, ele estaria fadado à alienação, ou o individualismo.

Através de indagações, o eu lírico se remete à importância da interação social, sempre respondendo de maneira incerta, revelando assim um estado de indecisão. *Pigs on the Wing (part two)* deixa mais claro que o capital é materializado através do porco capitalista, esse sendo o agente que causa a indagação do eu lírico (ROEDEL, 2015, p. 119). O capital é disfarçado através da “chuva”, descrita

pelo eu lírico, que dificulta com que o indivíduo aviste o porco que antes sobrevoava no céu e dessa forma passa a ser influenciado pela ideologia do porco, tornando-se ovelha ao se submeter à divisão do trabalho ou tornando-se cão, através do desejo de posse pela propriedade (ROEDEL, 2015, p. 119).

4.4 “DOGS”: O CAPITALISMO PREDATÓRIO

*“You have to be trusted by the people that you lie to
So that when they turn their backs on you
You'll get the chance to put the knife in”
(WATERS, Roger. Dogs, Pink Floyd - Animals, 1976.)*

A segunda música do álbum é a canção *Dogs*, com quase 17 minutos de duração, trazendo uma grande representação do rock progressivo inglês dos anos de 1960 e 1970. Nesse ponto, os cães de Waters se diferem analogicamente dos de Orwell. Para Waters, os cachorros são os homens de negócio obcecados pelo dinheiro ganhavam terreno na sociedade inglesa nos anos 70, que fazem de tudo para conseguir uma carreira bem-sucedida e até mesmo acabam sendo manipulados para isso.

A canção critica homens de alto escalão, executivos de empresas, e seu individualismo, homens que fazem de tudo para subir na vida, apunhalando e traindo pessoas, se for preciso, fingindo sorrisos, que são falsos em sua maioria, porém, vivem sabendo que podem estar sendo usados e que a qualquer momento podem cair em desgraça, e quando mais velhos, morrem solitários e amargurados, de câncer ao telefone.

O cachorro, como predador, deve estar sempre atento para presas fáceis, deve se mover de forma eficiente para conseguir um ataque bem-sucedido (ROEDEL CAMPOS, Gustavo. p. 119, 2015). Ao se colocar no papel de um cão, Waters retrata o subconsciente do canino, que pode ser condicionado pelo homem por meio de imperativos, o que retrata a vida burguesa como sendo, individualista, alienada e capaz apenas de reproduzir seu modo de vida competitivo, sendo incapaz de agir livremente (ROEDEL, 2015, p. 120).

Com isso Waters retrata esse estilo de vida burguês na primeira estrofe da música, indagando sobre o verdadeiro desejo que um cão tem e o modo como ele

deve agir vivendo para conseguir suprir sua necessidade para sobreviver ao estilo de vida capitalista.

A segunda estrofe aborda o ponto em que o cão consegue assumir um lugar mais elevado em sua hierarquia, tendo que mudar seus hábitos para sobreviver, passando assim de um cenário aberto para um jogo mais sofisticado, onde os cães adotam uma postura diferente para obter confiança de todos seus superiores, concorrentes ou inimigos (ROEDEL, 2015, p. 120). Assim como o cachorro, enquanto animal, consegue sorrisos fáceis dos humanos, seus superiores, através de sua conduta condicionada os cães de Waters também necessitam de uma conduta para atingir seus objetivos, usando roupas formais, sorrisos fáceis e ganhando a confiança de todos para que na hora certa consigam atacar com facilidade para conseguir chegar aonde almejam.

Mesmo com a mudança de cenário, o jogo ainda é competitivo para eles, pois existem outros cães, que assim como os retratados por Waters, aguardam o momento certo para atacar, fato esse que retrata a concorrência burguesa da época, sendo capaz de apunhalar qualquer um pelas costas com a finalidade de se tornar um porco, detentor do capital. (ROEDEL, 2015, p. 120).

A terceira estrofe explora a reflexão causada pelo envelhecimento: no fim da vida, os cães percebem que estão sozinhos e se indagam se valeu a pena todo o esforço realizado durante sua vida para alcançar seus objetivos, que passam a ser fúteis perante os valores que aparecem no fim da vida, como amizade e felicidade. Quando percebem isso, nada podem fazer para se redimir (ROEDEL, 2015, p. 120). Desse modo, é possível perceber que os cães começam a se sentir culpados sobre suas ações e que esses nunca poderão se tornar porcos.

Nessa letra, Waters, por apresentar um pensamento socialista, diferente do pensamento capitalista da época, ataca a burguesia e o regime capitalista em *Dogs*, expondo assim o fetichismo burguês pela propriedade privada, e a supremacia do capital, que submete todos à sua onipotência.

Na última estrofe, o eu lírico procura entender a causa de seu fracasso através de um pequeno filme que passa em sua cabeça. Waters se propõe a explicar a adequação a um padrão ideológico, no caso o capitalismo, por meio do adestramento, recebendo estímulos para se adequar ao meio. Esse cenário é explicitado em frases como “*Who was told what to do by a man?*” ou “*Who was*

broken by trained personel”, que podemos remeter ao ensino como uma forma de adestramento à ideologia capitalista criticada por Waters no álbum.

Por meio do escopo da música, a reflexão se refere, então, à necessidade do homem de se adequar ao padrão ideológico capitalista, de possuir uma propriedade, o individualismo e a competição, desde pequeno (ROEDEL, 2015, p. 124). Assim os cães morrem sozinhos, sem terem o que fazer para reverter essa situação e se indagando se tudo o que fizeram realmente valeu a pena no fim de suas vidas, ou seja, o cão morre de culpa, uma morte mais espiritual do que corporal.

4.5 “PIGS (THREE DIFFERENT ONES)”: A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA

“You’re nearly a good laugh
Almost a joker
With your head head down in the pig bin”
(WATERS, Roger. *Pigs (Three different ones)*, Pink Floyd - *Animals*, 1976.)

Na terceira música do álbum os protagonistas agora são os porcos, que diferem da obra de Orwell, em que são considerados como os líderes revolucionários traidores. Em *Animals*, os porcos ilustram o capital em forma de burguesia, porém não perdendo o viés exploratório dado a eles por Orwell (ROEDEL, 2015, p. 125). A letra explora três figuras, assim como Orwell explora as figuras de Lênin, Trotsky e Stalin através da representação em três porcos: Major, Bola-de-Neve e Napoleão. Em *Pigs (Three diferente ones)*, essas figuras são recaricaturadas, transformando-se em James Callaghan, Margaret Thatcher e Mary Whitehouse² (ROEDEL, 2015, p. 124).

Todas as figuras têm em comum o fato de serem desprezadas por Waters, recebendo um tratamento irônico que revela a falta de representatividade e legitimidade do Estado. Esses indivíduos são acusados pelo músico de representar os interesses dominantes que retratam a elite exploradora encontrada na Inglaterra durante as décadas de 1970 e 1980.

² Callaghan pode ser identificado pela referência ao seu sobrepeso e devido ao fato de na época, o Primeiro-Ministro do Labour ter travado grandes impasses com grevistas das minas de carvão, que chega a ser citada como *pigmine* (mina dos porcos). Thatcher é identificada com a citação *old hag* (velha bruxa), já que antes de se tornar Primeira-Ministra ela era odiada pela frente progressista e também pela citação de *steel* (aço), que nos remete ao seu apelido Dama de Ferro. E por último temos Mary Whitehouse, uma ativista britânica que não simpatizava com a música do Pink Floyd, e que Waters a ataca explicitamente, utilizando seu próprio nome e criticando-a direta e explicitamente.

O primeiro porco retratado por Waters pode ser entendido como o verdadeiro símbolo do capitalismo, representando a classe dominante em uma caricatura gorda, rica, dissimulada e autoritária. A mancha de porco citada por Waters remete à fome por lucros, são gananciosos e controlam os meios de produção, que são citados como “chiqueiro” e “mina”. Dessa forma, Waters passa a ideia de serem figuras desprezíveis, citando que seriam cômicos se não fossem trágicos através dos versos “*you’re nealy a laugh, but you’re really a cry*” (ROEDEL, 2015, p. 125).

O segundo porco simboliza o tradicionalista, com seu chapéu de cortesã (*hat pin*) e sua arma de caça (*handgun*). Esses porcos são relacionados a um saco de ratos (*rat bag*), aparentando, apesar de também ser um porco, estar abaixo do porco capitalista retratado na primeira estrofe. Thatcher, que na época era líder do partido conservador, pode ser caracterizada nessa estrofe, em que Waters também a chama de velha bruxa (*old hag*), visto que na época ela era odiada pelos progressistas e mais tarde, quando primeira-ministra, devido aos seus planos neoliberais, aplicou vários golpes na classe trabalhadora por meio de sindicatos trabalhistas. Waters também afirma, assim como o primeiro porco, que este é um ser desprezível, que seria cômico se não fosse um lamento (ROEDEL, 2015, p. 125).

Por fim, temos o terceiro porco citado por Waters, que se trata da ativista conservadora Mary Whitehouse, que afirmava que o Pink Floyd era um mal exemplo para a Inglaterra. Sendo assim, Waters caracteriza esse porco como aquele que adentra na imposição religiosa, fiscalizando as ações dos outros, porém sem fiscalizar as suas próprias, tornando-se assim contraditório (ROEDEL, 2015, p. 125).

Em geral, os porcos apresentados por Waters, apresentam uma composição heterogênea, porém, sob a tutela do porco capitalista, que pode ser entendido com o Estado, que se utiliza de tradicionalismo e religião como mecanismos mantenedores da ordem do capital, esse que auxiliam a justificação da infraestrutura capitalista e pacificação das massas. Com isso o Estado é definido por sua determinação pelo capital, ainda que com embasamento em caracteres reacionários, como tradição e política. (ROEDEL, 2015, p. 126).

4.6 “SHEEPS”: A ALIENAÇÃO CAPITALISTA E IDEOLÓGICA

*“What do you get for pretending the danger’s not real
Meek and obedient you follow the leader*

Down well trodden corridors, into the valley of steel”
(WATERS, Roger. *Sheep*, Pink Floyd - *Animals*,
1976.)

Por fim chegamos em *Sheeps*, em que Waters critica fortemente a alienação da massa, que é passiva, sem opinião e conformada frente aos fatos e assim segue tocando sua vida no pasto e que, embora se sinta incomodada, teme a repressão pelo Estado, no caso o cão. O cão retorna ao seu papel repressivo dado por Orwell em seu livro e abandona o papel de pequeno-burguês que Waters atribuiu a eles em *Dogs*. (ROEDEL, 2015, p. 126).

Em *Dogs* podemos ver que o cão desenvolve sua conscientização sobre o estado de alienação somente no fim de sua vida, e em *Sheeps* a imagem passada é oposta: a ovelha desenvolve esse processo e transmite para as demais de sua classe, visto que as ovelhas possuem a capacidade de se comunicar. Aqui, também é possível notar uma referência bíblica, onde as ovelhas são um rebanho que seguem cegamente seu líder. O fato de Waters citar a travessia do Jordão remete a uma passagem bíblica, a fuga do povo judeu que habitava Canaã, a Terra Prometida, que era controlada por povos muito poderosos e que não podiam ser derrotados pelos judeus. No escopo da música, a travessia das ovelhas pelo rio Jordão mostra seu descontentamento em ser a classe explorada pelo capital. (ROEDEL, 2015, p. 127).

Na segunda estrofe o eu lírico assume um papel em que tenta conscientizar as demais ovelhas, retratando que, de forma submissa, elas seguem seus líderes e vão em direção ao “vale de aço”, que representa o ambiente opressor das indústrias, onde os trabalhadores são escravizados e explorados em longas jornadas de trabalho. O Salmo 23 é declarado na canção, porém, o Senhor não é Deus, e sim o capital. Isso pode ser percebido através da frase “Porque eis que ele tem grande poder, e muita fome” e pode ser entendido como o poder do capital e a sua fome por lucro, podendo ser vista na figura do porco capitalista. Da mesma forma, as ovelhas se conscientizam sobre a malignidade da religião e parecem querer se revoltar, por si só, conta a figura do porco capitalista (ROEDEL CAMPOS, Gustavo. p. 127, 2015). Diferente da obra de Orwell, aqui as ovelhas se revoltam e há a existência de uma autorreflexão entre elas.

Na penúltima estrofe, as ovelhas se rebelam contra os cães, atacando-os. Nas palavras de Waters, elas “xingam e balbuciam” e enterram seus dentes no pescoço do cão, e assim “marcham alegremente da obscuridade para dentro do sonho”, saindo de um pensamento cego e sem questionamento para ir em busca de seus direitos e lutar contra a figura mais forte, no caso os porcos. (ROEDEL, 2015, p. 127).

No final, as ovelhas acabam recuando, mesmo com os cães mortos. Para Waters as ovelhas enxergam o perigo letal que teriam ao enfrentar esses inimigos e também demonstra seu pensamento de que a luta de classes nunca terá um fim.

4.7 “PIGS ON THE WING (PART TWO)”: A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA

*“Now that I've found somewhere safe
To bury my bone.
And any fool knows a dog needs a home,
A shelter from pigs on the wing.”*
(WATERS, Roger. *Pigs on the Wing (part two)*, Pink Floyd - *Animals*, 1976.)

A música que encerra o álbum aparentemente segue a mesma linha de *Pigs on the Wings (part one)*, porém aqui Waters se autorretrata como um cão, que após a revolução das ovelhas, consegue ver que seu individualismo não iria lhe levar a lugar nenhum, reconhecendo que a sua riqueza dependia da riqueza do outro. Para que essa emancipação ocorresse com o cão, era necessário que sua consciência deveria produzir a consciência no outro através da ação revolucionária, e por esse motivo, o cão procurou buscar a realização do seu *eu* impossibilitando o acesso do *outro* ao seu próprio *eu* (ROEDEL, 2015, p. 128).

Com o final da revolução, agora as ovelhas procuram por abrigo e não seguem mais seu líder, os porcos, que por outro lado ainda voltarão ao poder, mas não agora, dessa forma Waters cria um ciclo perfeito, onde ao final de *Pigs on the Wing (part two)* segue-se novamente *Pigs on the Wing (part one)*, mostrando que tudo irá se repetir novamente, confirmando assim o pensamento de Waters sobre a luta de classes nunca ter um fim. (ROEDEL, 2015, p. 129). O álbum se encerra com Waters se apresentando como um cão, que apesar de seu pensamento comunista, é

um músico bem-sucedido. O mesmo também afirma que apesar de todo cão precisar de um lar para servir de abrigo contra os porcos capitalistas, estes sempre tentarão retomar o poder.

Feita a exposição das letras do álbum *Animals*, e sua contextualização com o cenário neoliberal britânico, traremos, a seguir, algumas percepções permitidas pelo desenvolvimento da pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa apresentou um breve contexto histórico sobre a formação do liberalismo clássico e de sua transformação para o neoliberalismo, assim como alguns processos que ocorreram durante as décadas de 1970 e 1980 que levaram o mundo a se globalizar, sendo essenciais para que a globalização ocorresse. A ascensão neoliberal no mundo também foi explorada por meio do governo de Margaret Thatcher, e com a análise das letras de “Animals” podemos ver que a música pode nos passar visões muito profundas de pessoas que conseguem transmitir suas ideias através de harmonias e letras.

A música, assim como inúmeras outras formas de arte, faz parte do ser humano, é uma forma de expressão de pensamento e que possui grande influência no cenário global, devido a acessibilidade e os meios de divulgação da mesma, uma banda formada em Cambridge, como o Pink Floyd, conseguiu atingir o mundo todo através da música, claramente não são todos que sentem atração pela musicalidade dos mesmo, porém, as pessoas que sentem maior afinidade pelo som característico da banda, absorvem a informação que a mesma passa através de suas letras.

Waters, por ter uma formação comunista, usa a música como veículo de crítica ao sistema capitalista que ele tanto despreza, e consegue atingir diretamente no ponto em que deseja, fazendo assim uma pesada crítica à sociedade inglesa que aceitava o Estado neoliberal e a pregação religiosa da época, sem ao menos questionar e quando essa se questiona, sabe que não se pode destruir o espírito do porco capitalista retratado por Waters e que a burguesia poderia aspirar, porém, nunca iria chegar ao topo de verdade.

É possível visualizar que há um grande embasamento por trás de todas as letras, pode-se dizer que “Animals” é uma “Revoluções dos Bichos” contextualizada para outra época, que foi reescrita justamente como forma de crítica ao capitalismo e que mesmo nos dias de hoje, ainda permanece como uma obra que pode ser reescrita em qualquer época.

Com isso é possível concluir que uma das maiores armas de expressão do homem pode ser considerada a música, muitas bandas utilizam desse meio para expressar seus pensamentos, sejam políticos ou não, devido ao seu alcance e também pelo fato de a música ser algo completamente atraente ao ser

humano e que ajuda o mesmo a despertar sua consciência, levando assim a uma formação de pensamento mais crítica e muitas vezes, baseada na própria crença do autor.

REFERÊNCIAS

LOCKE, J. **Segundo tratado sobre o governo**. Tradução E. Jacy Monteiro. São Paulo: Abril cultural, 1973.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social**. São Paulo: Nova Cultural, 1999

SARFATI, Gilberto. **Teoria das Relações Internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2005

BECKETT, Clare. **Margaret Thatcher**. Haus Publishing, 2006

PINK FLOYD OFFICIAL SITE. **Biography**. Disponível em <<http://www.pinkfloyd.com/history/biography.php> >. Acesso em: 12/11/2017

HERSTON, Alan. **China and Development Economics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008

HOBBSBAWN, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991** / Eric Hobsbawn; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica maria Célia Paoli – São Paulo: Companhia das Letras, 1995

ALVERGA, Carlos Frederico Rubino Polari. Disponível em <<https://jus.com.br/artigos/18963/o-pensamento-politico-de-john-locke/2> > Acesso em: 9/11/2017

VILELA, Francy José Ferreira. Revista Pandora Brasil nº 60 – janeiro de 2014 – ISSN 2175-3318 – “**Políticas: teorias e práticas**”. Disponível em <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/politica_60/francy.pdf > Acesso em: 9/11/2017

SANTIAGO, Emerson. **Segunda crise do petróleo.** Disponível em < <https://www.infoescola.com/historia/segunda-crise-do-petroleo/> > Acesso em: 9/11/2017

FREITAS, Eduardo. **A crise do petróleo.** Disponível em < <http://brasilecola.uol.com.br/geografia/a-crise-do-petroleo.htm> > Acesso em: 9/11/2017

SILVA, Daniel Neves. **Guerra do Vietnã.** Disponível em < <http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/guerra-vietna.htm> > Acesso em: 9/11/2017

JÚNIOR, Marcos. **Guerra do Vietnã – História, causas e fotos.** Disponível em < <https://www.estudopratico.com.br/guerra-do-vietna-historia-causas-e-fotos/> > Acesso em: 9/11/2017

GONÇALVES, Rainer. **Revolução dos Cravos.** Disponível em < <http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/revolucao-dos-cravos.htm> > Acesso em: 9/11/2017

GASPARETTO JUNIOR, Antonio. **Franquismo.** Disponível em < <https://www.infoescola.com/historia/franquismo/>> Acesso em: 9/11/2017

NAVARRO, Roberto. **Revista Mundo Estranho**, 18 de abril de 2011. Disponível em < <https://mundoestranho.abril.com.br/historia/o-que-foi-a-guerra-das-malvinas/> > Acesso em: 9/11/2017

SANTIAGO, Emerson. **Guerra Irã-Iraque.** Disponível em < <https://www.infoescola.com/historia/guerra-ira-iraque/> > Acesso em: 9/11/2017

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Os EUA na década de 1980.** Disponível em < <https://www.infoescola.com/historia/guerra-ira-iraque/> > Acesso em: 9/11/2017

A história da Black Monday, o maior tombo da história das bolsas. 18 de maio de 2009. Disponível em < <http://www.infomoney.com.br/mercados/noticia/1577155/historia-black-monday-maior-tombo-historia-das-bolsas> > Acesso em: 9/11/2017

FERNANDES, Cláudio. **Queda do Muro de Berlim**. Disponível em < <http://historiadamundo.uol.com.br/idade-contemporanea/queda-muro-berlim.htm> >

Acesso em: 9/11/2017

Thatcher, s/d. Disponível em < <https://direitasja.com.br/biografias/t/margaret-thatcher/> > Acesso em: 9/11/2017

NETO, Francisco Edilberto M. Machado, **Reflexões acerca do Liberalismo em Locke e Rousseau**. Revista Urutáguia, nº 10, Maringá, Paraná. s/d. Disponível em < <http://www.urutagua.uem.br/010/10neto.pdf> > Acesso em: 7/11/2017

ROEDEL, Gustavo de Campos, **Porcos, cães e ovelhas: marxismo no álbum Animals – Pink Floyd**. 15 de dezembro de 2014. Disponível em < <https://seer.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/download/2666/2042>>

Acesso em 7/11/2017

